



27ª edição

Giselda Laporta Nicolelis
Sonhar é possível?

Ilustrações: Rogério Soud



 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Revisão • Pedro Cunha Jr. (coord.)/Elza Gasparotto/Célia Camargo/Renato Colombo Jr.

Debora Missias/Edilene Santos/Camila Santana/Cid Ferreira

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • Marco Aurelio Sismoto

Diagramação • Lucimar Aparecida Guerra

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Silvia Regina E. Almeida

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Nair Hitomi Kayo

Preparação de texto • Elza Gasparotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nicolelis, Giselda Laporta

Sonhar é possível? / Giselda Laporta Nicolelis ;
ilustrações Rogério Soud – 27ª ed. – São Paulo :
Atual, 2009. – (Entre Linhas : Sociedade)

ISBN 978-85-357-0650-5

1. Literatura infantojuvenil I. Soud, Rogério. II.
Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

12ª tiragem, 2019

Copyright © Giselda Laporta Nicolelis

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoeditor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados

CL: 810381

CAE: 576001

Sumário

Cinco horas 5

Seis horas 9

Sete horas 13

Oito horas 17

Nove horas 21

Dez horas 25

Onze horas 29

Meio-dia 33

Treze horas 37

Catorze horas 41

Quinze horas 45

Dezesseis horas 49



Dezessete horas 53

Dezoito horas 57

Dezenove horas 61

Vinte horas 65

Vinte e uma horas 68

Vinte e duas horas 72

Vinte e três horas 76

Meia-noite 80

Uma hora 84

Duas horas 88

Três horas 92

Quatro horas 96



A autora 100

Entrevista 101

*Tudo o que não se pode compartilhar
esvai-se em pó.*

(Virginia Woolf)

*A todos os habitantes dos cortiços do Bixiga,
da Mooca, de Santa Cecília, Higienópolis, etc.,
onde, nem sempre, é possível sonhar...*

Cinco horas



O rádio de pilha começa a tocar no mais alto som num ponto qualquer do casarão e, como se fosse uma epidemia, dezenas de outros rádios ressoam em uníssono, avisando que o cortiço despertou.

Doralice, a zeladora de quintal, mandachuva local, reclama, azeda:

– Diacho de gente que já acorda de rádio ligado!

Olha o lugar vazio na cama estreita que pretende ser de casal; o marido saíra havia pouco para pegar bom lugar na fila do banheiro lá fora. No beliche onde dormem os três filhos, como grande sanduíche triplo, a caçula choraminga:

– Tô com fome, mãe.

– Espera, menina; tô atrasada pra pôr ordem no muquifo.

No quintal, junto aos três chuveiros de água fria e às cinco latrinas, duas entupidas, já estoura o bochincho àquela hora da manhã:

– Sai logo, ó cara, a hora tá correndo...

– Pensa que tem suíte, companheiro?

Doralice aparece, cara de poucos amigos.

– Que é que há?

– Lá vem zorra; acordou de mau humor?

– Não vem que não tem, cinco minutos pra cada um. – Doralice dá um soco na porta da latrina onde alguém se trancara sem disposição de sair.

Em seguida a porta se abre, e o Melquior, motorista de frota que raramente sorri, reclama:

– Arre, será que um cristão não pode mais se trancar pras necessidades?

– Cinco minutos – repete Doralice.

E o outro não dá nem um pio. Conhece de sobra o gênio da zeladora, mulher capaz de quebrar o braço de qualquer homem; vive na delegacia do bairro, respondendo queixa de algum habitante daquela colmeia humana.

– Tem café, mulher? – pede o Benedito, o marido, operário de construção que aguarda resignado a sua vez na fila.

Doralice nem responde. Logo adiante, na fila dos chuveiros, a coisa ferve, mesmo sem água quente.

– Ó Doralice! – grita o Dantas, conhecidíssimo no cortiço porque não faz mais nada na vida, a não ser cálculos sobre uma possível herança que deve receber qualquer dia desses; coisa de louco, que engloba algo do tamanho de uma cidade inteira, um pequeno reino.

– Que foi Dantas? – replica a zeladora, sem nem mesmo virar a cabeça, ocupada com o bom andamento da fila.

– Não tem água nesta joça – avisa o homem, enrolado numa toalha, meio caminho entre o chuveiro e o quarto. – Como é que se toma banho sem água, Doralice?

– De cuspe – Doralice ri da própria resposta.

– De cuspe toma você na conversa fiada todo mês com a dona desta porcaria – diz alguém atrás dela.

Ela se vira num átimo, mas já nem vê a boca aberta de quem falou e já se encolheu.

– Quem foi?

Silêncio na fila.

– Além de tudo é covarde...

– Mas tem razão, né, Doralice? – arrisca o marido sem jeito.

– Razão de quê?

– Sem água não dá.

– Entupiu o cano, cadê seu Zé?

Seu Zé é o aposentado que vive com a mulher, a dona Zu, num dos cômodos menores e mais baratos e entende alguma coisa de encanamentos; em geral quebra os galhos do cortiço; por isso é o braço direito da Doralice.

– Foi internado, lembra? – comenta a Rosa-Margarida, varredora de rua. – Tá ruim o pobre coitado.

– É mesmo. – Doralice coça a cabeça desanimada. – Até me esqueci. Também com o trabalho que isto me dá...

– O que ele tem? – o Juca-encosto, cobrador de ônibus, vive apavorado com doenças.

– Tuberculose – resmunga a Rosa, dando um passo na fila. – Está nas últimas...

– Minha nossa! – O Juca até se benze. – Bem que a gente ouvia o pobre tossir que se matava lá no quartinho.

– Também com aquela umidade – lembra o Severino, camelô da praça da Sé, sempre às voltas com a polícia.

– Verte água pelas paredes; pobre da dona Zu – confirma a Rosa.

Dona Zu, tão magra que nem parece ter carne sobre os ossos cheios de reumatismo, por causa das paredes molhadas, cobertas de mofo.

– Que vida, que vida! – Doralice interrompe a conversa. – Vocês não têm outro assunto? Sempre reclamando de tudo!

Tão perto do serviço, não tão? Nem precisam tomar condução. Se não tão contente, por que não se mandam pra um favelão?

– Cadê o dinheiro pra comprar barraco, santa? – pergunta o Joel, vigilante bancário.

A Rosa dá mais um passo na fila, pensando quanto teria de varrer de rua pra juntar dinheiro suficiente.

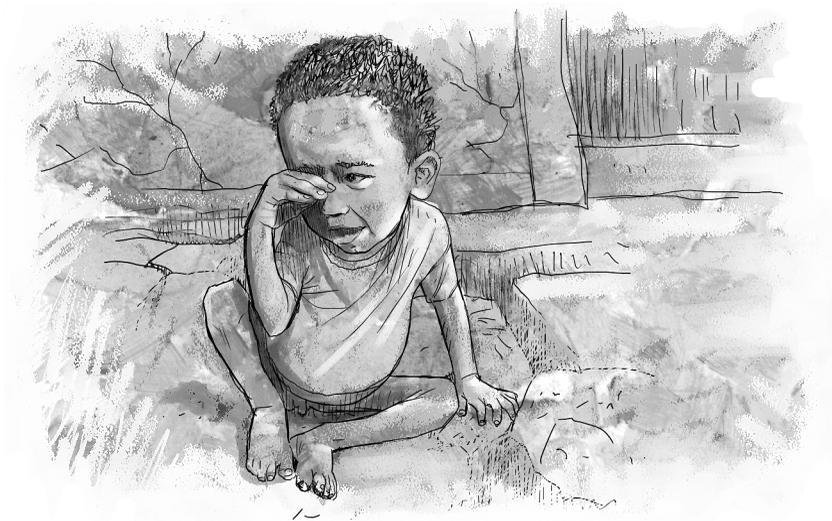
– Fora a mudança, né? – completa o Joel. – Se não fosse tão caro, juro que me mandava; pelo menos tinha casa só minha.

– Já que é tão caro, se conforma com o cortiço do Bixiga, meu mano – conclui a Doralice, ajeitando o crespo dos cabelos. – Afinal isto aqui é um belo casarão...

– Fedido, escuro e úmido, uma beleza – ironiza a Rosa-Margarida, recebendo um olhar de ódio da outra. – Bom mesmo é pra dona, que vem uma vez por mês, de carrão, receber a grana.

Logo adiante, num dos cubículos, a Sandrinha acorda com o barulho lá fora, mexe no beliche o corpo sofrido, atenta à triste realidade de mais um dia...

Seis horas



Doralice enxuga o suor do rosto. Graças a Deus o pior já passou, o mais duro do dia; a hora de a turma se mandar pro serviço, aquela desgraça de fila de chuveiro e latrina. As crianças berrando de fome por todo o cortiço, à espera de café, mamadeira, peito, o que fosse. As mães que trabalham fora recomendando os filhos pras que não saem; quem está doente pedindo remédio, “Deus lhe pague, companheiro”, “Que é isso, vizinho é pra essas coisas”.

A tristeza de saber o seu Zé nas últimas – sempre tão prestativo: “Precisa de ajuda, Doralice?”, trocando borrachinha de torneira pingando, consertando fechadura quebrada, repondo vidro que a molecada arrebentou com a bola. Isso quando sobra grana. De forma geral, a turma se vira com papelão nas janelas ou escorando porta com cadeira; mas torneira pingando não dá – já imaginou a conta no fim do mês?

Fim do mês. Nossa, nem viu o mês passar. Hora de recolher os aluguéis, após a costumeira choradeira. Caloteiro ali ela não admite de jeito nenhum. Nem com desculpa de doença, nem desemprego, nem filho pra nascer ou filho pra morrer, mas de jeito nenhum mesmo. Como é que vai ficar perante a dona Márcia, uma mulher tão educada que vem naquele carrão novinho em folha receber o dinheiro?

– Como vai, Doralice, tudo bem?

– Tudo bem, dona Márcia, a senhora engordou.

– Você acha? – A outra faz uma expressão contrariada.

– Mas tá mais bonita.

– Que nada; a gente abusa um pouco, já viu. Vou voltar a fazer ginástica pra perder esses quilinhos extras.

Dona Márcia subindo a escadinha do casarão muito rápida, sem cumprimentar ninguém, batendo os saltos dos sapatos.

– Enxerida – desabafa a Rosa-Margarida quando encontra a locadora do casarão que pertence ao espólio de um cara tão rico que, dizem, o túmulo dele lá no cemitério do Araçá é maior que o maior dos cubículos sublocados pela danada da madame, que sabe mesmo é bater os saltinhos novos nos degraus gastos pelo tempo, mármore afiado que já levou muito dente, cortou muito joelho de criança do cortiço.

– Mulher muito delicada, muito fina, viu? – defende a Doralice num muxoxo.

– Então, tá, santa – replica a outra –, pudera. Você ganha o melhor quarto da casa junto ao tanque pra cuidar de tudo, ser o cão fiel da dona Márcia...

– Cão fiel é a sua vó! – Doralice estufa o peito, enquanto a Rosa-Margarida, magriça, miúda, desaparece.

– Bajula, bajula, que qualquer dia ela dá pra você o papel do bombom que ela come – grita de longe, na maior gozação.

– Essa não tem jeito. – Doralice, irritada, deixa pra lá. Tem mais coisa que fazer na vida. Ver se não há criança trancada

dentro dos quartos, virando litro de álcool, mexendo em remédio, se queimando com fogão, vela – ah, meu Deus, como a pobre Sandrinha, que quase se matara, depois que a mãe saíra pro trabalho, no turno da noite, ao pôr fogo na caminhada, quando faltou luz no cortiço. Haja paciência, haja responsabilidade, tudo em troca daquela porcaria de quarto que não fede menos nem é menos abafado ou escuro, apenas é de graça, ao lado do abençoado tanque de cinco torneiras, onde logo mais vai começar novo bate-boca, quando as mulheres forem lavar a louça do café, a roupa suja do dia anterior...

Bem que ela disse pro marido quando chegara ao cortiço e vira dois caras se pegando de faca logo no corredor:

– Você me trouxe pro inferno, aqui eu viro cão. “Não esquenta, Doralice, toca a vida pra frente”, pensa. O jeito é recolher o bendito aluguel dos retardatários e caloteiros e expulsar os sem-vergonhas que não faltam por ali. Como o Rubão, aquele safado, que ela está à mira dele, ora se está.

Rubão – cabelos tingidos de loiro, boa-pinta, olhos azuis desbotados e pele clara, que arrota muita arrogância e vive bem, todo mundo sabe de quê. Tem dias que nem sai, espera a turma se xingar nas filas dos chuveiros e das latrinas – pra aparecer depois, no meio da manhã, bem-dormido e no sossego pra tomar um banho regalado, fazendo barba, todo maneiro, mexendo com a Doralice:

– Pedaco de mau caminho, quando é que a gente se cruza?

– No dia de São Nunca, branquelo de uma figa – devolve a Doralice.

Já se viu homem assim desavergonhado, sabendo que ela é casada com um cabra tão ciumento que não ia precisar muito pra tirar aquele riso da boca do Rubão?

– Tudo isso é medo, paixão? Acabei de sonhar com você.

Doralice fica vermelha, o rubor subindo do peito pro rosto. Sabe que é bonita, o próprio marido não nega. A mulher mais

bonita da cidadezinha de onde tinham vindo no interior de Pernambuco.

– Ai que sonho bom. – O Rubão requebra o olhar.

– Safado.

– Gostosa.

Rubão se tranca no chuveiro, a água cantando no piso. Esse dia, sem saber por quê, a Doralice ganha a manhã; qualquer coisa boa vibrando dentro dela – um tesão. Até se compece da Abrica, a cadelinha que arrasta os quartos pelo quintal do cortiço, uma catinga de doer. Cadela sem dono que por lá aparecera e por lá ficara, à custa do resto das panelas e do carinho das crianças.

– Viu passarinho verde, Doralice? – Sorri a dona Zu, tão seca a pobre que se poderia dobrar e guardar numa mala, moldura de gente.

– Nada, não, dona Zu, tô alegre, só isso.

– Cuidado, mana, que certa alegria leva sangue no rastro.

Miúda, franzina, a pele do rosto repuxada de cicatrizes das queimaduras, a Sandrinha sai para o quintal do cortiço, enquanto a mãe, a Creuza – que já voltou do serviço, uma boate onde ela toma conta do banheiro das senhoras –, começa a limpeza do quarto, tonta de sono e de mau humor.